

latinoamericano desde el descubrimiento de América estimulado también por una razón gastronómica en busca de las preciadas especias. Los incas como una sociedad agrícola privilegiaban los vegetales (tubérculos y granos; pero también mariscos, perdices y alpacas). “No se consumía ni leche ni huevos y se bebía chicha de distintos maíces en todas sus formas” (163). Hinostroza hace uso de su conocimiento de la cocina peruana y de su creatividad poética para hacer justicia a la riqueza y diversidad de la manducatoria peruana.

El último artículo, de Fernando de Diego Pérez, es un recorrido por la dramaturgia de Hinostroza, que se compone de cuatro obras de cuyo análisis destaco el de *Guamán Poma* (2005) cuyo tema es el peregrinaje del homónimo autor de la *Corónica* y resalta los conflictos de raza, un tema que considero de mayor importancia en la América Latina que se desplaza atropelladamente hacia el multiculturalismo. Dice Guamán: “las sangres no pueden ser mezcladas, porque se corrompen, degeneran!” (189). Hinostroza aborda este puntigudo tema en esta obra que es un paso firme a la discusión y erradicación del racismo imperante.

El último texto es una entrevista de Róger Santiviáñez con Hinostroza, desafortunadamente muy breve, pero que deja constancia de la influencia de la poesía estadounidense en la generación del 60, así como de la capacidad de renovar su propio lenguaje poético, renovar, como él dice, sus “materiales” y “tecnologías” para estar “más cerca del lenguaje hablado, más áspero

también, pero siempre manteniendo su espinazo dramaturgico, su espacio mítico” (197). El autor refiere cómo el trabajo poético requiere de un esfuerzo agotador que produce “callos en la mente” y su continua aspiración a “la perfección poética, al milagroso equilibrio” (198). Sobre el neobarroco como el camino para la poesía actual Hinostroza concluye: “Desconfiemos de lo simple, la poesía nunca es verdaderamente simple” (199).

En resumen, este libro compone una carta de rumbo por la poesía, la autobiografía, los ensayos culinarios, los cuentos y el teatro de Rodolfo Hinostroza. La calidad de los estudios salda por fin la deuda que tenía la crítica al analizar por entero la obra de este imprescindible poeta universal.

Martín Camps

University of the Pacific

Luiz Fernando Valente. *Mundividências. Leituras Comparativas de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Coleção Humanitas. 164 pp.

Mundividências é o resultado de mais de três décadas de reflexão sobre a obra de Guimarães Rosa. Quem conhece o trabalho ensaístico de Luiz Fernando Valente, sabe do cuidado que impõe à exegese dos textos, sabe de sua preocupação com o pormenor, de sua cultura sólida e da intenção de apreender a literatura a partir de um recorte comparatista que lhe permite praticar uma hermenêutica de perspectiva multicultural. Sabe, ainda, que ele é um crítico raro hoje

em dia, uma vez que conhece a fundo mais de uma literatura, além de compreender, interpretar e discutir as circunstâncias sociais que dão à leitura, à literatura e à crítica uma substância histórica. Não causa, pois, surpresa que Valente tenha lapidado, durante tantos anos, um belo livro sobre Guimarães Rosa, cuja obra conhece tão bem.

Mundividências é um trabalho minucioso, que acrescenta a fortuna crítica de Rosa, trazendo-lhe contribuições da Estética da Recepção e do Efeito, além de outras correntes contemporâneas, tornando-se referência obrigatória para os que querem aprofundar, com proveito, a leitura de um autor máximo da literatura brasileira. O leitor agudo e mesmo aquele que apenas deseje se informar se beneficiam do ouro fino que Luiz Fernando Valente retira da bateia, no trabalho de mineração que constitui sua leitura crítica. Valente é um carioca quase mineiro no seu jeito de estar no mundo e no texto, ao penetrar surdamente no reino das palavras, lição drummondiana que, ao longo de sua exegese, se explicita na habilidade em tirar as pedras do meio do caminho, sem facilitar nem reduzir o texto a banalidades, mas recuperando o encantamento de uma crítica que, declaradamente apaixonada, decanta o poeta que há em Rosa, esse prosador fantástico.

O deambular de Guimarães Rosa por uma vasta obra e a metamorfose desse autor, que torna o sertão “um lugar que se divulga” isto é, um lugar que se espalha por toda a parte, como nos diz Riobaldo, contaminam a escrita movente (e muitas vezes comovente) que lhe

dedica o ensaísta. Ele encontra uma estratégia ao mesmo tempo sagaz e pertinente para deslindar os segredos da intrincada construção roseana. Estabelece uma rede de metáforas-conceito (diálogo, liminaridade, mediação e afetividade) e, com esta trama, solda o conjunto de capítulos que, podendo também ser lidos separadamente, ganham em espessura e densidade ao serem lidos em conjunto. Com elegância e competência, o crítico vale-se de um instrumental de reflexão que articula propostas teóricas de variada cepa, apoiando-se em autores tais como, dentre outros, Bakhtin, Jacques Derrida, Wolfgang Iser, Gayatri Spivak e Harold Bloom. As diferenças conceituais que estes implicam, em vez de prejudicarem a urdidura do texto crítico de Valente, ampliam-lhe o escopo e, bem engendradas, dão organicidade ao pensamento e ao enfoque teórico muito particular que dela resulta.

Mundividências consegue realizar uma proeza difícil de ser obtida, se consideramos que a obra de Guimarães Rosa já foi lida de muitas formas, tão estudado é o autor: o livro apresenta um traço de originalidade que, sem dúvida, abre novas perspectivas no trato da escrita desse artista mineiro de extração universal. Tendo se doutorado com uma tese sobre o autor, Valente não requebra o que já havia escrito. Ao longo das décadas que levou para realizar este trabalho, foi compondo pouco a pouco um painel coerente e consistente, apresentando os textos aos quais deu inteireza, como capítulos de uma viagem intelectual admirável. Sua reflexão é capaz de trabalhar, com eficiência,

a literatura articulando-a com a história cultural, a teoria e a filosofia, construindo metodologia própria, com a qual dá forma a ensaios que estimulam a inteligência do leitor, que por eles se entusiasma, com razão.

Nascido no Brasil, e tendo feito sua formação universitária nos Estados Unidos, Luiz Valente trabalha há muitos anos na Brown University, em um dos departamentos mais importantes do país nos estudos de língua portuguesa e literaturas e culturas de língua portuguesa. Seu trabalho entrecruza a literatura brasileira com a norte-americana, que Valente domina com igual expertise e o habilita a uma leitura comparativa eficiente. Como a expressão “literatura comparada” remete a uma questão nunca totalmente resolvida, a discussão é por ele retomada e se mantém viva e acalorada em seu trabalho sobre Rosa.

No primeiro capítulo, “Comparar é preciso”, o crítico revela-se um teórico de qualidade, na discussão específica dos textos com os quais escolheu trabalhar. Valente acredita que o “estudo apropriado da literatura pode dar acesso à performatividade de culturas” (16), demonstrando que a literatura escapa ao sistema da medíocre mediania que caracteriza a globalização. Postula que a literatura necessita que o crítico abra caminho para um estudo que apresente a obra lida num autêntico cruzamento de fronteiras linguísticas, culturais, políticas e ideológicas. Valente faz o que promete. A obra de Guimarães Rosa desponta para o leitor apreendida por uma reflexão e análise detidas, que fazem com que con-

fluam para o instrumental crítico quatro metáforas-conceito, que funcionam como alicerces teóricos da interpretação: o diálogo, a liminaridade, a mediação e o afetivo. Munido desta estratégia, o crítico apresenta e examina a interlocução da obra de Rosa com as de William Faulkner, Ítalo Calvino e Leon Tolstói, aos quais denomina de “gigantes da ficção universal”.

Em nove capítulos, Valente indicia uma discussão teórica que se espraia por todos eles, a da articulação das metáforas-conceito mencionadas, na prática da análise dos textos. Na impossibilidade de comentar pormenorizadamente cada um dos capítulos, comento-os com base no valor e funcionalidade crítica dessas categorias que, de forma sagaz, Valente articulou com os temas que trabalha.

Diálogo. Do comentário dos quatro prefácios de *Tutameia*, objeto do segundo capítulo, Valente extrai a categoria do diálogo, com a qual demonstra que Guimarães Rosa realiza um perfeito equilíbrio entre o conceitual e o imaginário, ao refletir sobre a natureza da literatura e a natureza humana, matéria da ficção. Os diversos prefácios postos em diálogo por Rosa nesse livro constroem uma intertextualização que, num belo *insight*, Valente interpreta como um núcleo dialógico e intertextualizador da ficção de Rosa, acerca do qual considera que “em vez de facilitarem a leitura de *Tutameia*, os prefácios, deliberadamente, a complicam, remetendo a outros textos do autor, inclusive as próprias quarenta estórias” do livro (20). Para Valente, ainda que Rosa exija participação muito arguta e

atenta do leitor, não perde a legibilidade porque tem a sabedoria de desatar a escrita de seu caráter oficial, pondo-a em contato com os usos orais do sertão mineiro, criando um estilo muito próprio de narrar. Dessa forma, os prefácios, postos em rede, geram uma maneira de reafirmar a intertextualidade, característica fundamental não só da obra Roseana, mas também da metodologia desenvolvida por Valente para analisá-la e tratá-la o escopo comparatista.

Liminaridade. Partindo de uma ideia de Jon Vincent, em comentário por este feito a *Primeiras estórias*, Valente leva a consequências bem interessantes tal questão. Estudando “Campo geral”, mostra-nos como sua estrutura básica de construção é a parataxe, o que faz com que a estória se desenvolva de forma assindética, sem transições lógicas, levando a que o texto comunique uma percepção do mundo como algo fluido, a que faltam nítidas fronteiras que fossem impostas pela lógica e pela razão. Ao escapar de uma racionalidade controladora, Rosa dá a seu texto a força da liminaridade, situando-o, como uma “terceira margem” da escrita.

Mediação. No capítulo “Fabulação e mediação”, Luiz Fernando Valente compara e distingue as obras de Guimarães Rosa e de Ítalo Calvino, tomando por base dois de seus textos. De Rosa, o conto “A terceira margem do rio”, de Ítalo, o romance *O barão nas árvores*, segunda parte de uma trilogia do italiano e que se tornou célebre, intitulada *Os nossos antepassados*. Valente percebe a mediação como categoria comum aos dois escritores, tão di-

ferentes quanto às obras e à personalidade. A mediação a que o crítico se refere apresenta-se nos enredos que contém semelhanças notáveis, com vozes narrativas análogas e transportadas por narradores homodiegéticos, que narram em terceira pessoa e que, sem serem personagens principais, revelam-se espectadores atraídos pelos excêntricos personagens que compõem as duas narrativas em comparação. A categoria da mediação resulta, então, instrumental adequado para levar o leitor a apreciar o mundo híbrido de uma ficção, comum a Rosa e a Calvino, na qual se entrelaçam o ordinário e o extraordinário, bem como se questionam e põem em dúvida as convenções do realismo.

Afetividade. Presente em vários textos de Rosa, a categoria da afetividade é estudada na variante *amor*, pedra angular da análise que Valente realiza no capítulo “As contradições de Eros”, no qual estuda “Buriti” e “A estória de Lélío e Lina”. Valente leva adiante o estudo da dialética do amor flagrado em suas tensões opostas, apontada pelo crítico Benedito Nunes, que considera bibliografia obrigatória aos estudiosos de Guimarães Rosa. Mas, ao contrário de Benedito Nunes, que recorre a Platão, aos neoplatônicos e à tradição hermético-mística, Valente se apoia na obra de George Bataille para elaborar seus argumentos. Bataille está interessado nas heterologias, isto é, em destacar os elementos da vida humana que permanecem inassimiláveis às formas oficiais, dominadas pela razão instrumental e o utilitarismo. No mundo criado por Gui-

marães Rosa, o uso do proibido, daquilo que o mundo oficial marginaliza, reprime e rejeita caracteriza personagens complexos, que realizam sutis transgressões do interdito, o que, dialeticamente, se desafia a censura oficial, do mesmo modo considera sua existência. Assim, estabelecer a tensão entre ordem e contestação da ordem é uma forma de carnavalização que, como presença especular do interdito, confere intensidade ao mundo dos afetos de Lélío e Lina e, de resto, ao mundo de *Corpo de baile*, do qual os dois textos comparados foram recolhidos. Num movimento de sístole e diástole, o desejo se articula na festa do amor, estudada no nono e último capítulo do livro, intitulado “Uma estória de amor (festa de Manuelzão)”.

Mundividências traz, pois, contribuição sólida e renovadora para a fortuna crítica de João Guimarães Rosa. Ao final da leitura, ganham todos: a obra de Rosa, porque encontrou um crítico afinado e afiado, que explica sem complicar, mas também sem cair na medíocre mediania pós-moderna; os leitores, pelo prazer de ler o texto de Rosa e o de Valente, no qual ideias bem pensadas e argumentadas levam o pensamento longe e, assim fazendo, estabelecem diálogo com os textos não só de um autor, mas de vários autores riquíssimos.

Lucia Helena

Universidade Federal Fluminense

Hebe Beatriz Molina. *Como crecen los bongos. La novela argentina entre 1838 y 1872.* Buenos Aires: Teseo, 2011. 556 pp.

El trabajo de la Dra. Hebe B. Molina, profesora de la Universidad Nacional de Cuyo (Argentina) e investigadora del CONICET, es el resultado de la extensa investigación en fondos y bibliotecas que la especialista llevó a cabo durante el último tiempo. Este libro es un trabajo abarcador, de tipo complejo, que viene a completar el mentado vacío diacrónico de la historiografía literaria en cuanto a los comienzos de la novela escrita en Argentina.

Una labor exhaustiva como ésta, que refleja una tarea de archivo, digitalización y tipologización, suele presentar dificultades al momento de su presentación, pero la Dra. Molina logra una categorización y un orden interesante del abundante material encontrado.

El estudio está dividido en tres partes: en la parte A se describe la génesis de la novela argentina; en la parte B se esbozan las reflexiones sobre la novela en algunos autores y catedráticos, y la parte C es un estudio detallado del carácter de la novela emergente. La parte A (“El nacimiento acompañado de la novela argentina”, 23-170) resume conceptos e ideas que la autora ha desarrollado en anteriores artículos. En ellos problematiza correctamente, por un lado, las prácticas lectoras de la novela en el siglo XIX argentino, y comenta aspectos materiales (formatos y medios impresos) e implicancias morales del género. Más adelante, comenta la